

A PROJEÇÃO DO BRASIL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – DIÁLOGO ENTRE CLARICE NUNES E JOÃO DO RIO

Daniel Ferraz Chiozzini¹
Idê Moraes dos Santos²

Resumo: Este artigo tem o objetivo de encontrar pistas da projeção do Brasil no espaço da cidade do Rio de Janeiro, por meio do diálogo estabelecido entre a historiadora Clarice Nunes e o literato João do Rio. Em seu texto, Clarice Nunes, ao analisar a produção cultural do Rio de Janeiro do início do século XX, verifica que há, nos discursos dos literatos e intelectuais da época, a projeção do país no espaço da cidade do Rio de Janeiro, o que chamou de discursos metonímicos sobre o Brasil. Na mesma época analisada pela autora, João do Rio, em *O Momento Literário*, publicou um inquérito realizado com alguns intelectuais do Rio de Janeiro, em que discutia se havia ou não uma literatura que excedesse os domínios da capital carioca. Nesse sentido, verificou-se que o texto de João do Rio, além de ir ao encontro das proposições de Nunes, revela uma grande aproximação entre literatura e jornalismo que garantiu uma renda e ampliação de público aos autores do período.

Palavras-chave: Literatura; Clarice Nunes; João do Rio.

THE PROJECTION OF BRAZIL IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO – DIALOGUE BETWEEN CLARICE NUNES AND JOÃO DO RIO

Abstract: This article aims to find clues of projection of Brazil in the space of the city of Rio de Janeiro, through the dialogue established in the historian Clarice Nunes and Literato João do Rio. In her text, Clarice Nunes, when analyzing the cultural history of production of Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century, shows that there is a projection of the landless country of the city of Rio de Janeiro in the speeches of the writers and intellectuals of the time, which he called metonymic discourses about Brazil. At the same time, the author, João do Rio, in *The Literary Moment*, published an investigation with some intellectuals from Rio de

¹ Historiador e Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Doutor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EHPS/PUC-SP). Investiga principalmente nos seguintes temas: História e Memória da Educação Brasileira, Educação e Ditadura Militar, Escolas Experimentais e Ginásios Vocacionais. Integra a Linha de Pesquisa Educação Brasileira: produção, circulação e apropriação cultural e o Grupo de Pesquisa História das Instituições e dos Intelectuais da Educação no Brasil.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), linha de pesquisa: Leitura, escrita e ensino de Língua Portuguesa. Tese em redação final sob o título de O Colégio Vocacional Oswaldo Aranha e a (re)construção do ensino de língua portuguesa no contexto de 1969. Mestre em Educação pelo Programa Educação: História, política, sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Janeiro, in which there is no literature that exceeds the domains of the capital of Rio de Janeiro. In this sense, it was verified that the text of João do Rio, in addition to meeting the propositions of Nunes, reveals a great approximation between literature and journalism that guaranteed an income and enlargement of the public to the authors of the period.

Key-words: Literature. Clarice Nunes. João do Rio

Em *A escola redescobre a cidade – reinterpretação da modernidade pedagógica no espaço urbano carioca 1910-1935*³, Nunes (1993) analisa a situação da escola pública do Rio de Janeiro do início do século XX. Para a autora, a produção cultural da época pretendia difundir um sentimento de brasilidade que não sobrepôs os limites da metrópole carioca, o que chamou de “projeção do país no espaço da cidade”. (NUNES, 1993, p. 198).

Em seu texto, Nunes diz que essa projeção do Brasil impregnada na literatura carioca está presente também não apenas metonimicamente, mas num sentido diretamente linguístico, como as denominações de alguns dos jornais cariocas mais famosos: *Jornal do Brasil*, *O País*⁴. (NUNES, 1993, p. 198).

Além dos famosos *Jornal do Brasil* e *O País*, citados pela autora, outros jornais e revistas, que estiveram em circulação no final do século XIX e início do século XX, foram importantes veículos de divulgação de temas mais ligados aos costumes, à arte e à política do Rio de Janeiro, com predominância de conteúdos de cunho mais subjetivos (CANDIDO, CASTELLO, 1994, p. 285). Sobre tal produção, Nunes (1993) assinala que,

a crônica sobre a cidade, mesmo em diferentes conjunturas e com estilos peculiares, incorpora como ingrediente indispensável, além da política local, a política nacional e internacional. Daí uma das características da produção discursiva dos intelectuais sediados no Rio de Janeiro, na década de vinte e nas outras décadas: falar para o Brasil, falando o Brasil (NUNES, 1993, p. 198).

Pelo exposto, em meio à efervescência de assuntos que estampavam as páginas dos jornais cariocas, os cadernos jornalísticos incorporavam não só as questões políticas da época,

³ Tese de Livre Docência apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Fundamentos Pedagógicos da Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro (UFF/RJ), como parte do Concurso para Professor Titular em História da Educação. Rio de Janeiro: 1993.

⁴ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. (Rio de Janeiro, RJ). Biografia de *Paulo Barreto Pseudônimo: João do Rio*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=329&sid=261>>. Acessos em: 7 jul. 2012; 22 dez. 2012. Embora não se tenha notícias sobre sua fama, acrescenta-se aos nomes dos dois jornais descritos pela autora o *A Pátria*, fundado em 1920 por João do Rio (conforme dados biográficos de João do Rio fornecidos pelo *site* da Academia Brasileira de Letras).

mas também os textos dos literatos que tinham que disputar o espaço jornalístico com os diplomatas, políticos, advogados, funcionários públicos influentes, entre outros. A exemplo de Machado de Assis que veiculava, na seção jornalística destinada aos textos literários chamada de folhetim, seus romances que eram publicados em capítulos.

Segundo Nunes (1993), não só os intelectuais da época, mas também os escritores da arte literária apresentavam um discurso metonímico, ao falar do Brasil falando o Rio de Janeiro. Para a autora,

De Machado de Assis a Lima Barreto, João do Rio, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Paulo Francis, Carlos Drummond de Andrade, Aparício Torelli e Sérgio Porto existe a continuidade da prática de uma escrita que diz e escreve o Rio de Janeiro e escrevendo uma necessidade nacional (NUNES, 1993, p. 198).

Para a autora, tais escritos apresentavam um léxico que tinha como principal característica o cosmopolitismo que, “numa espécie de força centrípeta” (NUNES, 1993, p. 198) absorvia os vocábulos que vinham de fora, ali eram disseminados e enviados para o país inteiro, em forma de neologismo.

A propósito do exposto, questiona-se se toda essa projeção do Brasil no espaço da cidade, ou a relação metonímica⁵ presente nos discursos dos intelectuais da época descrita por Nunes (1993) é também tão marcante na manifestação literária, notadamente nos textos dos cronistas. É exatamente esse o propósito deste texto, encontrar pistas da projeção do Brasil no espaço da cidade do Rio de Janeiro, no discurso de alguns intelectuais do início do século XX, por meio da voz de um influente jornalista e cronista da época: João do Rio.

Paulo Barreto, João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto, ou João do Rio (pseudônimo literário), nasceu no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1881, vindo a falecer na mesma cidade em 23 de junho de 1921. Na época de seu falecimento, João do Rio ocupava

⁵ Para aprofundar os estudos sobre a metonímia, sugerimos a leitura do artigo de Santos (s/d), intitulado *Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo*. Para a autora, a metonímia não deve ser pensada numa relação direta com coisas e objetos, pois isso é concebê-la sob a ótica tradicional dos processos figurativos. Nesse sentido, a metonímia afasta-se, portanto, do referencialismo da linguagem para se aproximar do modo como se pensa o mundo, tendo como base a própria experiência humana. Admite-se, assim, que a metonímia tem base referencial, mas ela é, sobretudo, de natureza inferencial. Isso significa que a relação entre linguagem e referência é insuficiente para as nuances do processo metonímico em sua rica abrangência (SANTOS, s/d).

Sobre a mesma temática, sugerimos também a leitura do livro *A Metáfora Viva*, em que Ricoeur (2000) assinala que, na metonímia, o pertencimento de objetos ao mesmo todo resulta de que a existência ou a ideia de um encontra-se contida na existência ou na ideia do outro. Nos dois casos, um objeto é designado pelo nome do outro objeto; nos dois casos, são os objetos (e de algum modo as ideias) que entram em uma relação de exclusão ou de inclusão. (RICOEUR, 2000, pp. 94-95). Por isso, a insuficiência da referenciação em detrimento da inferência, na hora de conceber a metonímia.

a 26ª cadeira na Academia Brasileira de Letras. Foi cronista, teatrólogo, tradutor e contista, além de influente jornalista de seu tempo.

Embora tenha morrido⁶ muito cedo, João do Rio é responsável pela autoria de diversos textos publicados nos jornais da época assinalada aqui. Entre tais publicações está o seu *O Momento literário*, (inquérito-1907? ⁷) que dialoga com o texto de Clarice Nunes. Segundo ela, João do Rio foi um cronista social do Rio de Janeiro do início do século XX que também utilizou o texto jornalístico para denunciar, entre outras coisas, a ausência de escolas, a opressão às classes trabalhadoras, a exploração do imigrante, as batidas policiais, as epidemias contagiosas, os pivetes assassinos e o analfabetismo. (NUNES, 1993, p. 5.).

Além da referência à obra de João do Rio realizada por Nunes em seu texto, a escolha da publicação do autor se justifica por apresentar em seu bojo os testemunhos dos intelectuais e literatos da época. Esses autores se preocupavam com a possibilidade da criação de uma literatura que excedesse os limites da Capital carioca, bem como os efeitos do jornalismo para os produtores da arte literária.

Ao escolher o gênero inquérito para escrever seu texto, no nosso entendimento, João do Rio é inovador, pois apresenta uma obra que mescla fatos de caráter extremamente verossímeis e inverossímeis. Dito de outro modo, no primeiro caso a verossimilhança apresenta-se na elaboração, distribuição e coleta do inquérito pelo autor; no segundo caso é inverossímil o diálogo estabelecido pelo autor com um amigo imaginário⁸, que emite opiniões, seleciona as questões e também participa da escritura do inquérito.

⁶ João do Rio foi vítima de um infarto do miocárdio fulminante, sua popularidade era tão grande que levou mais de cem mil pessoas a seu velório. Segundo Camilotti (1997, pp. 44-45), tal popularidade também se registrou na vendagem de suas obras, visto que as editoras pagavam mais por suas publicações que as de Machado de Assis e Euclides da Cunha. Fonte: CAMIOTTI, Virgínia Célia. *João do Rio e/ou Paulo Barreto: a crítica literária e a construção de uma imagem*. 1997. 322 f. Dissertação de Mestrado em História Social do Programa de Pós-Graduação em História Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): Campinas, 1997.

⁷ Sobre a data do inquérito de João do Rio, Raimundo Magalhães Junior (1907-1981) afirmou que “João do Rio eliminou de seu livro todas as datas, como se não quisesse desatualizá-lo ou tornar evidente o largo tempo decorrido entre a inserção das reportagens, no primeiro semestre de 1905, na Gazeta de Notícias, e a edição lançada anos depois pela Casa Garnier, aliás, sem a indicação do ano, mas só contratada a 21 de junho de 1907”. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (Rio de Janeiro, RJ). MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo (1907-1981). Textos escolhidos - *O momento literário*. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=267&sid=317>>. Acessos em: 23 jun. 2011; 22 dez. 2012. Academia Brasileira de Letras: <www.academia.org.br>. Acesso em: 23 jun. 2012.

⁸ Embora não seja a proposta deste texto buscar a origem do inquérito escrito por João do Rio, segundo Magalhães Junior, esse “amigo imaginário” seria o escritor Medeiros de Albuquerque que, em meados de 1906, trouxe das viagens feitas pela Europa dois livros com entrevistas realizadas com intelectuais de lá. O que interessa aqui é que esse fato confirma o cosmopolitismo literário efetuado pelos intelectuais da época estudada por Clarice Nunes. Fonte: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (Rio de Janeiro, RJ). MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo, *op. cit.* (1907-1981).

Esse bipartir-se do poeta, segundo nossa opinião, nada mais é do que um recurso estilístico um tanto quanto fugaz, objetivando, sobretudo, amenizar o impacto, melhor dizendo, o efeito que os resultados do inquérito poderiam causar em seus entrevistados. Isso se constata pela posição de “humildade” tomada por João do Rio, que somente recordava alguns endereços, enquanto o amigo elaborava as perguntas do questionário:

O meu venerável amigo, pegando a sua pena venerável, lançou no papel as seguintes perguntas do questionário, enquanto eu, humilde, ia lembrando nomes e endereços. (RIO, s/d⁹, p. 3)

O Momento Literário, que registra as entrevistas realizadas por João do Rio para compor seu inquérito, apresenta-se dividido em quatro partes: sinteticamente, a primeira parte, intitulada “Antes”, explica ao leitor o propósito do inquérito e justifica a elaboração dos questionamentos pelo autor. A segunda parte contém, em seus títulos, os nomes dos autores a quem se destina o inquérito. A terceira parte, chamada de “Os que não responderam”, traz os nomes dos que se recusaram a responder o inquérito e a crítica de João do Rio a tal recusa, por parte dos escritores, e, por fim, a quarta e última parte que contém o título “Depois” e é a que o autor finaliza a obra tecendo breves comentários sobre os depoimentos dos entrevistados.

Vale lembrar que, para escrever o inquérito, João do Rio não só foi à casa dos participantes, como também enviou cartas contendo os questionamentos àqueles que não estavam no Rio de Janeiro. Responderam pessoalmente aos questionamentos de João do Rio: Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Padre Severiano de Resende, Félix Pacheco, João Luso, Guimarães Passos, Lima Campos. Responderam por meio de cartas: João Ribeiro, Clóvis Beviláqua, Sílvio Romero, Raimundo Correia, Medeiros de Albuquerque, Garcia Redondo, Frota Pessoa, Mário Pederneiras, Luís Edmundo, Curvelo de Mendonça, Nestor Vítor, Silva Ramos, Artur Orlando, Sousa Bandeira, Inglês de Sousa, Afonso Celso, Elísio de Carvalho etc.¹⁰. Os que não responderam: Machado de Assis, Graça Aranha, Aluísio de

⁹ MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. RIO, João do (Paulo Barreto). *O momento literário s/d* [1906-1907- datas prováveis de publicação da obra, conforme Magalhães Junior]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>>. Acessos em: set. 2011; 15 jun. 2012; 22 dez. 2012. Optou-se por não colocar a data de publicação do *O Momento Literário* de João do Rio, conforme o texto de Magalhães Junior, já que o livro que foi retirado da Fundação Biblioteca Nacional para estudo deste texto não apresenta a data. Sabe-se apenas que foi publicado entre os anos de 1906 e 1907. Os números das páginas estão em conformidade com o texto apresentado pela Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁰ MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. RIO, João do (Paulo Barreto), *op. cit.* s/d.

Azevedo, Artur de Azevedo, Alberto de oliveira, Gonzaga Duque, Emílio de Menezes e José Veríssimo.

Das cinco perguntas¹¹ que compuseram o questionário do inquérito de João do Rio, duas são partes deste estudo:

O desenvolvimento dos centros-literários dos Estados tenderá a criar literaturas à parte? O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária? (RIO, s/d, p. 3)

O critério de escolha dos nomes que aparecem no inquérito foi o de priorizar os autores a que Nunes (1993) alude em seu texto, Olavo Bilac e Júlia Lopes de Almeida. O objetivo foi identificar aproximações entre o que a historiadora constatou a partir de suas obras e os depoimentos desses sujeitos, trazidos a público por João do Rio.

Ao questionar se “o desenvolvimento dos centros-literários dos Estados tenderá a criar literaturas à parte”, deduz-se que as respostas aludam para as literaturas de outros estados. Quanto à outra questão, que indaga se “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária”, investiga o trabalho e a posição do escritor ocupada pelo literato dentro do folhetim.

Em seu texto, Clarice Nunes (1993), ao se reportar às leituras praticadas na escola do início do século XX, faz referência a Bilac como um escritor preferido pelos leitores:

A escola de nossos avós mudara. Já não lia mais o Barão de Macaúbas. Os preferidos agora eram outros: Thomaz Galhardo, Coelho Neto, Francisco Vianna, Bilac, João Kopke (NUNES, 1993, p. 52).

Além de autor preferido pelo carioca da época analisada, Bilac, a exemplo de Nunes (1993), tinha opinião formada a respeito da educação escolar, o que se constata no diálogo tecido por Bilac e João do Rio, quando este último esteve na casa do poeta para levar os questionamentos do inquérito:

(Olavo Bilac): – Oito horas já? Há não sei quantas escrevo eu. (João do Rio): – Versos? (Olavo Bilac)¹²: Oh! Não, meu amigo, nem versos, nem crônicas – livros para crianças, apenas isso que é tudo. Se fosse possível, eu me centuplicaria para difundir a instrução, para convencer os governos da necessidade de criar escolas, para demonstrar aos que sabem ler que o mal do Brasil é antes de tudo o mal de ser analfabeto. Talvez sejam ideias de quem

¹¹ Vale ressaltar que não serão transcritas todas as respostas dos escritores citados, visto que tal atitude extrapolaria o objetivo deste texto. Numa outra oportunidade, seria interessante ouvir todos os autores que participaram d’*O Momento Literário* de João do Rio.

¹² Os nomes foram apresentados aqui entre os parênteses para facilitar a compreensão do diálogo pelo leitor.

começa a envelhecer, mas eu consagro todo o meu entusiasmo, o entusiasmo – que é a vida – a este sonho irrealizável (RIO, s/d, p. 4).

Sobre a literatura tipicamente brasileira, Bilac disse,

Que queres tu, meu amigo? Nós nunca tivemos propriamente uma literatura. Temos imitações, cópias, reflexos. Onde o escritor que recorde outro escritor estrangeiro, onde a escola que seja nossa? (...) Somos uma raça em formação, na qual lutam pela supremacia diversos elementos étnicos. Não pode haver uma literatura original, sem que a raça seja formada. (RIO, s/d, p. 6)

Ainda Bilac, mas agora é sobre a criação de literatura à parte, ou seja, fora do Rio de Janeiro e até faz uma previsão futura da data em que ela poderia abranger todo o país,

É dividir o que não se pode dividir. Não há talentos do Norte nem do Sul. Há talentos brasileiros. Não posso compreender, para não citar senão um exemplo, em que os versos de Francisca Júlia possam ser paulistas. Quanto à separação da nossa futura literatura, ela se fará lentamente, como se vão formando a nossa raça e o nosso gosto, conforme as correntes mais ou menos fortes dos povos colonizadores. Talvez em 2500 existam literaturas diversas no vasto território que hoje forma o Brasil. (RIO, s/d, p. 6)

O poeta discute, também, sem esconder sua indignação, a questão do analfabetismo que alastrava no Rio de Janeiro e no Brasil, no início do século XX, corroborando o que foi analisado por Clarice Nunes (1993),

O jornalismo é, para todo o escritor brasileiro, um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal – porque o livro não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. (...) Todos os jornais do Rio não vendem, reunidos, cento e cinquenta mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diário de segunda ordem na Europa. São oito os nossos! Isso demonstra que o público não lê – visto o prestígio gozado pelo jornalista. E por que não lê? Porque não sabe! Tenho estatísticas aterrorizadoras, fenomenais. Era natural que decrescesse a lista dos analfabetos à medida que a população aumentasse em número e civilização. Pois dá-se o contrário. Hoje há mais um milhão de analfabetos que em 1890! E digam depois que não é preciso criar escolas e difundir a instrução. Um povo não é povo enquanto não sabe ler (RIO, s/d, p. 6).

Bilac finaliza o inquérito de João do Rio emitindo sua opinião sobre os benefícios do jornalismo,

“Oh! sim, é um bem. Mas se um moço escritor viesse, nesse dia triste, pedir um conselho à minha tristeza e ao meu desconsolado outono, eu lhe diria apenas: Ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento!”. (RIO, s/d, p. 7)

Sobre as palavras de Bilac, a “falta de coragem”, à qual o poeta se refere, provavelmente diz respeito a sua abdicação da escrita de sua poesia, para publicar e vender a literatura infantil aos editores, para não “morrer de fome”¹³.

Clarice Nunes, discutindo sobre a literatura infantil escrita por Júlia Lopes de Almeida no início do século XX, disse que

Se a Geografia conta a História do Brasil, a natureza assimila a Geografia, retomando um pensamento romântico que identifica brasilidade e natureza e vincula-as à identidade nacional. O que se busca é a fusão completa do pequeno leitor, da natureza e da brasilidade. Acrescentaríamos, ainda, mais uma metáfora que Velloso não trataria em sua análise, mas que está presente no livro de Júlia: o país como pai. Mas um pai peculiar; seu corpo é masculino (músculo e viril) e seus sentimentos e atitudes femininos (abnegação, esforço, bondade, amor acolhimento). (NUNES, 1993, p. 196).

No inquérito de João do Rio, Júlia Lopes de Almeida o recebeu em seu lar, assim descrito pelo poeta,

A casa de Filinto (marido de D. Júlia) fica a dez minutos da cidade e é como se estivesse perdida num afastado bairro. Não há vizinhos; não há trânsito pela estrada, a não ser o bonde de quarto em quarto d’hora. Uma grande paz parece descer das árvores. Todas as janelas estão abertas (RIO, s/d, p. 10).

Em meio a esse cenário bucólico, Júlia Lopes, ao lado de marido e filhos, escrevia sua literatura. Desde cedo, nutria pelo pai respeito e admiração por tê-la introduzido, ainda na tenra idade, ao ofício de articulista na redação de um jornal em que ele trabalhava. João do Rio assim descreveu a autora:

D. Júlia está sentada na sombra, fala dos livros e dos filhos ao mesmo tempo. Estou a crer que os confunde e pensa nos personagens da fantasia criadora como beija os meigos frutos de sua vida. É calma, repousada, doce a sua voz, como são maternais os gestos seus. Qualquer coisa de suave e de simples aureola-lhe o semblante, impõe a veneração. Uma grande sinceridade, tal que decerto, ao ouvi-la, as almas mais retraídas lhe devem confessar a vida e pedir-lhe conselhos, como se pede aos bons e aos misericordiosos. (RIO, s/d, p. 12).

Quanto à influência do jornalismo sobre a arte literária e a literatura criada à parte, segundo D. Júlia,

Tens no teu questionário uma pergunta a respeito da influência do jornalismo. Nós todos somos um resultado do jornalismo. Antes da geração dominante não havia bem uma literatura. O jornalismo criou a profissão, fez trabalhar, aclarou o espírito da língua, deu ao Brasil, os seus melhores prosadores. Não

¹³ Segundo Luca (2006, p. 124), sobre o inquérito de João do Rio e os escritores do Rio de Janeiro do início do século XX, nessa época, sobreviver da pena implicava “transitar pelo mundo da publicidade e produzir textos de natureza variada, adequados às demandas do cliente em termos de forma e conteúdo”. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-153.

é em geral um fator bom para a arte literária, e talvez no Brasil não o seja muito em breve, mas já foi e ainda o é. Falas também das literaturas à parte. Tivemos a *Mina* da Bahia, a *Padaria* do Ceará, temos os ocultistas decadentes do Paraná, mas tudo isso mais ou menos desaparece ou tende a desaparecer. A literatura centralizou-se no Rio. Os rapazes de talento abandonam a província pela capital, e quando lá estão são sempre reflexos daqui. Não existirá nunca arte regional (RIO, s/d, p. 11).

Longe do centro urbano e vivendo num lugar calmo e privilegiado, sem vizinhos a seu redor, D. Júlia passava aos seus leitores a ideia de uma boa mãe e esposa. Fato que fez com que a autora conquistasse rapidamente o público feminino, a ponto de ser escritora de uma revista de modas denominada *Femina* (RIO, s/d, p. 12). Talvez por esta razão a literatura infantil da autora fizesse tanto sucesso na época.

Sobre a literatura, D. Júlia a considerava tipicamente carioca, como explicitado em seu depoimento acima descrito, em que afirma que “nunca existirá arte regional”. Isso confirma o exposto por Nunes (1993), ou seja, a predominância dos autores da época de projetar no Rio de Janeiro a literatura do país.

De posse de suas cartas e escritos resultantes das palestras realizadas com os autores que compuseram seu inquérito, João do Rio finalizou seu texto dizendo que o sucesso de alguns escritores, como Bilac, devia-se ao gosto do público¹⁴,

A Sra. D. Júlia Lopes de Almeida é o tipo ideal da mãe de família; acha infantil o feminismo, o nefelibatismo e outros maluquismos da civilização. As suas ideias modestas e sem espalhafato, a sua sensibilidade sem extravagâncias souberam tocar o público. A colaboração da Sra. D. Júlia nos jornais aumenta a edição dos mesmos. Que importa à D. Júlia um crítico, dois críticos, três, uma dúzia mesmo contra ela? A sua marca é boa, é vendável (RIO, s/d, p. 100).

Sobre os benefícios ou malefícios do jornal para os literatos, João do Rio concluiu que era benéfico, quando dava ao escritor condições de sobreviver à custa da pena,

Hoje o jornalismo é uma profissão, quando antigamente era um meio político de trepar: hoje o escritor trabalha para o editor e não manda vender, como José de Alencar e o Manuel de Macedo por um preto de balaio no braço, as suas obras de porta em porta como melancias e tangerinas. O escritor precisa de higiene, de cuidados, de luxo. (RIO, s/d, p. 100)

Há literatura à parte? João do Rio respondeu que os entrevistados não acreditavam nisso:

¹⁴ Candido (2006) acentua a importância do público/leitor quando assinala que “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. (CANDIDO, 2006, p. 83).

O inquérito mostra que não há escolas no Brasil, que é uma fantasia a ideia de literatura do norte e da literatura do sul, que já não há romancistas, que os grandes poetas e os grandes escritores são os que estão na Academia, e que não há uma só das nossas ideias que não são bebidas no estrangeiro, nos livros do Félix Alcan, ou nas extravagâncias publicáveis do *Mercure de France*, que o naturalismo morreu, que o nefelibatismo agoniza, que a poesia estrebucha (RIO, s/d, p. 101).

Não, não há literatura à parte. É a conclusão que João do Rio chega ao final de seu inquérito, confirmando o que Clarice Nunes denunciava em seu texto: o Rio de Janeiro do início do século XX possuía uma produção cultural que ressonava por todo o território brasileiro, o que resultava em uma literatura que metonimicamente projetava o país no discurso da cidade.

Munida de fontes documentais, Nunes (1993) discorre sobre um Rio de Janeiro do início do século XX apresentando um panorama que marca, entre outras coisas, um altíssimo índice de analfabetismo, de uma escola retrógrada que baseava sua prática numa metodologia puramente disciplinadora e punitiva. Do lado externo da escola, a miséria, a ausência de saneamento básico e higiene impregnavam as ruas da cidade carioca, percorridas por negros, imigrantes, migrantes e misturas étnicas, itinerantes sem morada, sem teto e sem profissão.

Se do dito popular ouve-se que a arte imita a vida, é neste mesmo contexto explicitado por Nunes que João do Rio vai buscar elementos constitutivos de sua produção poética. Para tanto e, na tentativa de imprimir verdade a sua ação criadora, o artista e o jornalista se fundem, tornando-se difícil de dissociar o poeta do articulista, do denunciador das mazelas das ruas, das injustiças praticadas àqueles sem posses.

Nesse cenário aqui discutido, a literatura sobrevivia à custa do jornalismo. O romantismo, os devaneios, a poesia impregnada de sonhos e melancolia foi substituída pelos periódicos que ditavam modas e pelos romances da literatura folhetinesca. O texto produzido por João do Rio apresentou elementos híbridos entre literatura e jornalismo, ficção e realidade, reunindo elementos que confluem para a resposta de que o jornalismo era um fator bom para a arte literária, em dois sentidos: é uma maneira de, sobretudo, conquistar o leitor e, de suas vendas, alimentar o escritor e, mais do que isso, é uma produção textual legítima.

No início do século XX, a poesia, que “aos poucos estrebuchava”¹⁵, estaria repousando em alguma gaveta, ou acompanhando as horas ociosas dos poetas que a trocaram,

¹⁵ MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. RIO, João do (Paulo Barreto). *O momento literário s/d* [1906-1907- datas prováveis de publicação da obra, conforme Magalhães Junior], p. 101. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>>. Acessos em: set. 2011; 15 jun. 2012; 22 dez. 2012.

momentaneamente, por um conto ou uma crônica, tão ao gosto do público leitor do folhetim. Afinal, mais do que sobreviver, segundo João do Rio, “o escritor precisava de higiene, de cuidados, de luxo”¹⁶.

Quanto ao aspecto metonímico da relação da produção cultural da cidade com outros estados, no inquérito de João do Rio os autores são categóricos ao afirmar que a arte literária carioca suplantou todas as outras, até mesmo a de São Paulo¹⁷. O ufanismo dos literatos foi tão intenso a ponto de Bilac prever a literatura abrangendo todo o território brasileiro somente no ano de 2500!

Por fim, nesse diálogo entre Nunes e João do Rio, embora de estilos e gêneros diferentes, a arte literária e a história se valem dos mesmos acontecimentos para escrever seus textos: um mesmo cenário, um mesmo período e tipos humanos parecidos, o que muda de fato é o olhar da historiadora e o do literato.

Referências Bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. (Rio de Janeiro, RJ). Biografia de *Paulo Barreto - Pseudônimo: João do Rio*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=329&sid=261>>. Acessos em: 7 jul. 2012; 22 dez. 2012.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (Rio de Janeiro, RJ). MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo (1907-1981). Textos escolhidos - *O momento literário*. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=267&sid=317>>. Acessos em: 23 jun. 2011; 22 dez. 2012.

CAMILOTT, Virgínia Célia. *João do Rio e/ou Paulo Barreto: a crítica literária e a construção de uma imagem*. 1997. 322 f. Dissertação de Mestrado em História Social do Programa de Pós-Graduação em História Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): Campinas, 1997.

CANDIDO, Antonio. CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira – História e Antologia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Beltrand Brasil S.A, 1994, p. 285.

¹⁶ RIO, op. cit., s/d, p. 100.

¹⁷Segundo Candido (2006), a cidade de São Paulo foi responsável pela aproximação do leitor à obra literária. Para ele, da cidade surgiu um grupo que rompeu a dependência de classe e, quebrando as barreiras acadêmicas, fez da literatura um bem de todos. “Há uma história da literatura que se projeta na cidade de São Paulo; e há uma história da cidade de São Paulo que se projeta na literatura”. (CANDIDO, 2006, pp. 173-174).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed.-. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, pp. 83, 173-174.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-153.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. RIO, João do (Paulo Barreto). *O momento literário s/d [1906-1907- datas prováveis de publicação da obra, conforme Magalhães Junior]*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>>. Acessos em: set. 2011; 15 jun. 2012; 22 dez. 2012.

NUNES, Clarice. *A escola redescobre a cidade (Reinterpretação da modernidade pedagógica no espaço urbano carioca/1910-1935)*. 1993. 210 f. Tese de Livre Docência apresentada à Banca Examinadora como parte do Concurso para Professor Titular em História da Educação do Departamento de Fundamentos Pedagógicos da Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro (UFF/RJ). Rio de Janeiro, 1993, pp. 5, 52, 196, 198.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. 2. ed.- Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 94 e 95.

SANTOS, Ione Aires. *Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo*. Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória: Espírito Santo (s/d). Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/download/3568/2846>>. Acesso em: 29 out. 2017.

Recebido em: 11/10/2018

Aceito em: 20/11/2018